

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Luana Fiorentin

REAÇÃO DE JORNALISTAS APÓS SITUAÇÕES
TRAUMÁTICAS: ESTUDO DESCRITIVO-ANALÍTICO

Passo Fundo

2016

Luana Fiorentin

**REAÇÃO DE JORNALISTAS APÓS SITUAÇÕES
TRAUMÁTICAS: ESTUDO DESCRITIVO-ANALÍTICO**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Dr^a. Sonia Regina Shena Bertol.

Passo Fundo

2016

Luana Fiorentin

Reação de jornalistas após situações traumáticas: estudo descritivo-analítico

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Dr^a. Sonia Regina Shena Bertol.

Aprovada em ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sonia Regina Bertol - UPF

Prof. Dr. _____ - _____

Prof. Dr. _____ - _____

Agradeço, primeiramente, à Deus por me ajudar a realizar o sonho de ser jornalista, superando todas as dificuldades para chegar até aqui.

A minha família que sempre me apoia e me incentiva a nunca desistir. Em especial, Patrícia De Carli por me mostrar novas possibilidades.

À minha professora orientadora, Sonia Bertol, pela sabedoria, carinho e palavras de incentivo ao longo da faculdade.

Aos demais professores por passarem ensinamentos fundamentais para minha formação e que ao longo da jornada se tornaram meus amigos.

Aos meus colegas de estrada que passaram comigo por experiências ricas e duradouras.

E aos amigos que a vida me presenteou.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram nesse sonho, meu muito obrigada.

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo estudar a reação de jornalistas após a exposição a situações traumáticas. Tal objetivo se justifica pela importância de compreender os problemas psicológicos que os jornalistas podem ter ao longo da profissão. Alguns conceitos essenciais à pesquisa, tais como Jornalismo de Guerra, traumas psicológicos e estresse pós-traumático são explicados com base em diferentes autores. A essa explicação se agrega a fundamentação teórica e uma relação de obras relativas aos conceitos. A metodologia de abordagem é de um estudo descritivo-analítico baseado em Gil e Andrade que conduz por três tópicos: Trabalho, Saúde e Comportamento. A projeção de detalhes referentes à realização da pesquisa consta no seguimento.

Palavras-chave: Análise de Casos; Estresse pós-traumático; Jornalismo de Guerra e Conflito; Psicologia do Trabalho; Traumas Psicológicos.

Abstract: This research aims to study the reaction of journalists after exposure to traumatic situations. This objective is justified by the importance of understanding the psychological problems that journalists may have over the profession. Some essential concepts to research, such as Journalism War, psychological trauma and posttraumatic stress are explained based on different authors. The explanation this is added the theoretical foundation and a relationship works on the concepts. The approach methodology is a descriptive - analytic study based on Gil, Andrade and leading by three topics: Work, Health and Behavior. The details of projection relating to the survey stated following.

Keywords: Case Analysis; post-traumatic stress; Journalism War & Conflict; Work Psychology; Psychological trauma.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Variáveis dos dois casos do estudo descritivo-analítico.....	28
Quadro 2. Variáveis do caso Mac McCleand.....	32
Quadro 3. Variáveis do caso José Hamilton Ribeiro.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1: REAÇÃO DE JORNALISTAS BASEADA NOS CONCEITOS-CHAVE	11
1.1. Jornalismo de Guerra e Conflito.....	11
1.2. Trauma Psicológico	16
1.3. Estresse pós-traumático (TEPT).....	20
1.4. Psicologia do Trabalho	22
2: METODOLOGIA A PARTIR DE GIL E ANDRADE	27
3: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE CASOS.....	28
3.1. Descrição caso Mac McClelland	29
3.1.1 Análise caso Mac McClelland	31
3.2 Caso José Hamilton Ribeiro	33
3.2.1 Análise caso José Hamilton Ribeiro	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a reação psicológica de jornalistas após situações traumáticas. Tal estudo é baseado na análise e descrição de dois casos jornalísticos. Tendo como característica ser um feminino e outro masculino, segundo pressuposto que há similaridades de reação entre ambos. A investigação dos casos procura apontar as principais modificações comportamentais e psicológicas após a cobertura jornalística de eventos imprevistos à rotina das coberturas habituais.

Entender como os jornalistas reagem após a exposição a determinadas conjunturas conflituosas é a intenção deste trabalho. Por isso, o problema de pesquisa é “Quais as marcas invisíveis mais comuns que os jornalistas acabam tendo após a exposição a situações traumáticas em sua profissão?”

Objetiva-se com este trabalho compreender as principais reações psicológicas apontadas após exposição a coberturas traumáticas, no decorrer são descritos os dois casos e feitos apontamentos das principais reações apresentadas em cada um, segundo o depoimento dos próprios jornalistas, utilizando-se para tanto fontes bibliográficas e documentais. É importante também, entender o motivo que levou a determinada reação psicológica destacada. Busca-se ainda, na sequência, esclarecer a importância da psicologia do trabalho.

Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivos gerais:

- Compreender a reação dos jornalistas que sofreram situações traumáticas e que foram intencionalmente escolhidos nessa pesquisa, devido a suas histórias e depoimentos sobre o trauma. Sendo possível, observar as modificações no seu comportamento.

E como objetivos específicos:

- Reunir informações sobre situações de conflito, violência e tragédias vividas por dois jornalistas no exercício da profissão.
- Descrever esses casos emblemáticos em que os jornalistas apresentaram problemas psicológicos após as exposições a situações traumáticas.
- Esclarecer a importância da psicologia do trabalho.
- Analisar e descrever os casos recortados nesse trabalho.

A presente pesquisa propõe um estudo descritivo-analítico sobre as questões que jornalistas enfrentam em casos de coberturas de violência, conflito e guerra, tendo total relevância social. A partir desse recorte buscar-se-á compreender de forma clara e objetiva os problemas psicológicos que os jornalistas podem ter ao longo da profissão.

Tal estudo se justifica pela carência de pesquisas de cunho científico que se debrucem acerca do tema e conseqüentemente apresentem um viés focado na personalidade e saúde mental deste profissional. Apesar de existirem muitas publicações na área da vigilância em saúde acerca do tema da saúde do trabalhador pouco se discorre acerca do profissional do jornalismo, atingido por reações traumáticas após coberturas de risco, e nas marcas invisíveis que essas coberturas podem ocasionar na mente humana. Além disso, há a necessidade de compreender, a partir de uma abordagem multidisciplinar, os fenômenos psicológicos e o funcionamento dos mesmos, através da compreensão do que seja o trauma psicológico.

A problemática desse estudo é considerada interessante e atual, uma vez que, na atualidade, proliferam situações em que os jornalistas são obrigados a enfrentar ambientes de extrema hostilidade e intenso conflito, o que sem dúvidas acaba por deixar marcas muitas vezes profundíssimas em sua vida profissional e pessoal.

A revisão bibliográfica é realizada para que haja a compreensão dos conceitos-chave, gerais para o objeto de estudo. A metodologia a ser utilizada, além de que indica outros critérios da pesquisa, consta na continuidade.

1: REAÇÃO DE JORNALISTAS BASEADA NOS CONCEITOS-CHAVE

Nesse capítulo são abordados conceitos para uma melhor compreensão das situações conflituosas na profissão de jornalista. As próximas páginas são destinadas para o entendimento de conceitos cruciais a pesquisa como o jornalismo de guerra e conflito, trauma psicológico, estresse pós-traumático e psicologia do trabalho. Além disso, são relatados os dois casos jornalísticos que pretendem ser descritos e analisados, objeto de estudo do presente trabalho.

1.1. Jornalismo de Guerra e Conflito

O jornalismo de guerra e conflito é o responsável por relatar e documentar uma época específica, apresentando registros de como era o meio, a política, a economia, a cultura, as dificuldades e vitórias de determinado país. Como explica, Élvio da Silva Carvalho, na dissertação “Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa”,

Jornalistas especializados, semiespecializados ou enviados especiais que ficam encarregados de nos trazer as últimas atualizações da frente de combate. Homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos gêneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem, e/ou não querem, lá estar, possam ficar a par de todos os movimentos. Mas atenção, o jornalista de guerra não deve ser visto como uma espécie de herói, alguém que avança sem medo em nome da informação. A verdade é que esta é uma das especializações jornalísticas que mais controvérsia pode suscitar (CARVALHO, 2016, p.7).

Além disso, traz a experiência, e o comportamento humano de forma nua e crua. Como explicam Freire e Vaz Borja (2016), em artigo que tratou sobre a cobertura da Guerra de Angola pelos jornais brasileiros:

Graças à cobertura noticiosa de cenários de guerra, a profissão de jornalista tem se mitificado. As matérias de guerra, grande parte delas, transformam-se em documentos jornalísticos de enorme importância, que vão marcando gerações de repórteres e aspirantes (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, p.1).

Também afirmam que, esse tipo de jornalismo é um desafio para os profissionais, uma vez que, se coloca a própria vida em risco para trazer uma informação de qualidade:

O Jornalismo de Guerra, nos dias de hoje, é reportagem em tempo real. Além de desafiar o profissional de comunicação também instiga o leitor a “ver”, que há conflitos no mundo que mudam de forma rápida, com resultados imprevisíveis e às vezes catastróficos, que parece não existir mais possibilidade de retorno (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, p.2).

É através das coberturas de guerra que os jornalistas acabam ganhando reconhecimento, pois além de colocar sua vida em risco garantem a informação em curto tempo e muitas vezes realizam transmissões ao vivo. De forma significativa apontam o desenrolar dos fatos, atualizando e mostrando os resultados previstos e imprevistos desses embates.

Como explicam Monteiro e Heller (2016), em artigo que tratou sobre o papel da imprensa em conflitos armados: O caso da Guerra Civil na Síria existe uma diferença substancial em cobrir situações de guerra e conflito:

No entanto, mesmo em democracias, a diversidade de opiniões reduz-se em face à uma situação especial: a guerra. Uma análise do trabalho midiático nesse tipo de cobertura demonstra que o espaço para relatos divergentes reduz-se substancialmente. Neste sentido, muitos teóricos concordam que a cobertura de conflitos se diferencia das outras atividades jornalísticas e apresenta algumas particularidades (MONTEIRO; HELLER, 2016, p.5).

A cobertura de guerra e conflito diverge do jornalismo convencional. Com uma rotina incerta, o correspondente que se propõem a trabalhar nessa área acaba por ter que lidar com a abrangência de temas fora de seu país de origem, tendo acesso a outra cultura, política, economia e linguagem particulares. Além do mais, com interesses muitas vezes camuflados.

O jornalismo de guerra e conflito se torna fundamental, sendo que é através dele que temos a noção real do que acontece, tanto no nosso país, como nos outros, além do mais “é um absurdo afirmar que ‘toda guerra é absurda’, para a quebra deste tabu existe o jornalismo de guerra com o propósito de enfrentar certos constrangimentos para nos relacionar com o mundo” (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, pág.8).

Para Freire e Vaz Borja, o jornalismo de guerra é o único capaz de mostrar as experiências mais extremas da condição humana, bem como,

Cada indivíduo/Estado/Região/País a denomine como quiser guerra/luta/campanha/conflito, mas o que deve ser acentuado é que o jornalismo de guerra mudou e continua a mudar o rumo da história do jornalismo em qualquer parte do planeta, graças a ela a profissão de jornalista é mitificada (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, p.13).

No Brasil, a cobertura de guerra teve início com a Guerra de Canudos:

Não é possível falar de cobertura de guerras no Brasil sem citar a Guerra de Canudos (1896 a 1897). Ela foi um dos primeiros passos do jornalismo de guerra brasileiro. Euclides da Cunha a serviço do jornal O Estado de S. Paulo, conseguiu reunir material para uma série de reportagens, durante cinco anos, que posteriormente deram origem à sua obra-prima, Os Sertões: campanha de Canudos (1902). Não se deve desconsiderar este conflito como um marco do jornalismo de guerra brasileiro, pois ela representou o descaso dos governantes com relação aos grandes problemas sociais do país (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, p.3,4).

O jornalismo de impacto, como o de cobertura de guerra, é responsável por garantir aos receptores, visões de um meio, onde a realidade não é a mesma da que vivenciam. Capaz de criar conceitos e embasamentos diferenciados com relação a países distintos, o correspondente internacional que se vale de seu conhecimento para transmitir aos demais a sua versão dos fatos, garante um novo rumo à história, muitas vezes, apontando, uma crítica que gera a reflexão das pessoas.

Já no que se refere aos telejornais, há certas restrições na forma de dar a informação, muitas vezes, utilizam de valores próprios para apresentar ao telespectador, como explica Pedro Bial,

No Brasil, os profissionais da comunicação encaram, diariamente, o mesmo tipo de decisão. Como lidar com a violência no noticiário? É bobagem dizer que o telejornalismo estimula as soluções violentas. Pesquisas e estudos acadêmicos já demonstraram que a violência nos noticiários televisivos provoca rejeição pública à violência. A televisão pode até transmitir a ideia de que a sociedade é mais violenta do que é na realidade, mas, depois de ver a guerra na TV, o espectador repudia a guerra, quer a paz (BIAL, 1996, p. 83).

O impacto da guerra é tanto, que até mesmo o telespectador que liga a televisão em busca de ver mais algum noticiário sobre violência, tragédia e crimes banais, acaba se deparando com a realidade da guerra, e pela primeira vez entende a dimensão da maldade humana.

O correspondente de guerra e conflito pretende estar sempre no lugar aonde os fatos acontecem, para ele é crucial estar na hora certa para acompanhar o desenrolar dos fatos, “o

repórter de televisão, sobretudo o correspondente internacional, não tem apenas de saber agir prontamente diante de uma notícia. Ele também precisa aprender a esperar, e naturalmente se frustra quando acontece de não estar no lugar certo na hora exata,” (HENNING, 1996, p. 157).

O jornalista, por mais bem preparado que esteja para cobrir eventos como o de guerra e conflito, não consegue controlar o que se passa em seu psicológico, como explica, Monteiro e Heller (2016), no artigo já citado anteriormente, “O Papel da Imprensa em Conflitos Armados: O Caso da Guerra Civil na Síria”:

Confrontado com as frequentes e horríveis realidades de um conflito, qualquer crença de que o jornalista consegue manter-se distante, remoto, ou imune ao que está a acontecer ‘tende a voar pela janela’ rapidamente (ADIE, 1998 apud ALLAN; ZELIZER, 2004, p.3).

O jornalista também tem fraquezas, luta para fugir delas, resiste bravamente, mas precisa de muito mais para ser imune ao que vivencia em lugares onde o cenário é de sofrimento, tristeza, morte e destruição.

José Rodrigues dos Santos explica no livro, “A verdade da guerra: da subjetividade, do jornalismo e da guerra”, que o jornalista que vivencia essas situações de conflito e guerra “não esquece a experiência, justamente porque a guerra desperta reações insuspeitadas das profundezas da mente” (2005, p.135).

Entretanto, Pedro Bial, retrata no livro, *Crônicas de Repórter*, que existem pessoas capazes de dominar com maior facilidade os sentimentos despertados em situação de guerra. “– Há algumas pessoas “equipadas” mentalmente para este tipo de trabalho. Nós sabemos onde estamos nos metendo, e sabemos que talvez não voltemos vivos” (BIAL, 1996, p. 52).

Além disso, Bial ainda conta o que vivenciou na cobertura do terremoto, no Japão, na cidade de Kobe, em 17 de janeiro de 1995 e como ficou abalado psicologicamente. “A cobertura do terremoto de Kobe foi um pesadelo, de cinco dias, seis horas de sono, raros nacos de arroz. Estava exausto. Todas as estradas, e ruas se transformaram num amontoado de carros e sirenes, perdas e buscas” (BIAL, 1996, p. 85). E conta ainda,

Vejo as cenas do terremoto em Kobe no começo do ano, uma cobertura que me custou um alto preço emocional. Hoje, parece tudo irreal, um sonho mau. Me emociono quando lembro, sem o auxílio de nenhum vídeo a não ser a memória, o que vi e vivi. Mas, ao ver as imagens que produzi naquela semana de janeiro, nenhuma emoção pessoal é despertada. Parece que assisto a um filme, uma história alheia, distante no tempo e no espaço (BIAL, 1996, p. 91).

Jornalistas não são capazes de apagar as lembranças, as cenas da memória sozinhos. Mesmo com anos de tratamento, acompanhamento psicológico, ainda as marcas invisíveis de situações extremas são muito presentes.

Segundo Bial, os jornalistas que cobrem situações de guerra, violência, conflito e impacto fazem o que for preciso para conseguir a informação, “Quando precisam de algo, repórteres engolem qualquer resquício de orgulho e suplicam, imploram, se humilham com gosto. Hoje, parece engraçado. Na época era só patético” (BIAL, 1996, p. 46).

Outro relato semelhante ao de Pedro Bial é o retratado no livro “Via Satélite: Histórias de um correspondente internacional”, de Hermano Henning.

Henning entrevistou Janus Lenghel durante uma de suas estadas na Europa, e o entrevistado, o correspondente internacional que cobriu a guerra russo-filandesa, em 1940, retrata a coragem que todo o correspondente deve possuir. “Se tivesse que morrer, morreria de qualquer jeito. Olhando para cima, pelo menos dava para ver de onde as bombas caíam...” (HENNING, 1996, p. 113)

Corroborando com os autores anteriores, Lucas Mendes retrata no livro, “Conexão Manhattan”, os riscos que os jornalistas passam ao cobrir conflitos armados e que os mesmo são atacados sem dó nem piedade, muitas vezes pela própria pauta: “desconfio que alguns jornalistas que morreram em El Salvador e na Nicarágua foram assassinados pelos grupos de soldados ou guerrilheiros que estavam acompanhando” (MENDES, 1997, p.53).

Concordando com Pedro Bial, Hermano Henning e Lucas Mendes, no artigo, “Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa”, escrito por Élvio da Silva Carvalho, afirma que,

Os correspondentes de guerra, homens e mulheres que se arriscam na frente de combate em nome da informação, têm, pois, dois grandes desafios traçados: sobreviver, porque, tal como os soldados, estes jornalistas saem de casa com a incerteza de regressar; e tentar manter a objetividade o mais possível. O desafio é não deixar que a sua mente vá tomando partido, pelo menos na altura de escrever, falar para um microfone, ou gravar um ‘vivo’ televisivo (CARVALHO, 2016).

Quando estão por trás de câmeras, microfones os correspondentes internacionais tentam mascarar os sentimentos que passam dentro de si, escondem o próprio sofrimento, engolem o choro, em nome da clareza, objetividade de ser comunicador.

Carvalho aponta que, o jornalismo de guerra e conflito é visto como a cobertura que mais consegue abranger fatos e incorporá-los, da seguinte forma:

O que sabemos a este ponto é que o jornalismo de guerra é, talvez, o gênero jornalístico que mais questões consegue gerar à sua volta. Aquele que mais consequências poderá trazer para uma nação se não for feito com cuidado. Será ingênuo imaginar o jornalista de guerra como um repórter qualquer, tudo parecendo depender do lugar de onde se escreve e da relação “pessoal” do jornalista para com o conflito que está a decorrer. O que sabemos a esta altura, antes de qualquer investigação aprofundada, é que os soldados não são os únicos com armas na mão durante uma guerra. A diferença está no fato de uma bala não conseguir atingir tantas pessoas como uma folha de papel impressa (CARVALHO, 2016).

Com um alcance surpreendente, os jornais atingem muitas pessoas ao mesmo tempo e de formas variadas. Quando uma informação é lançada, não tem como calcular a proporção que a mesma irá tomar e os impactos que pode gerar na sociedade.

E apontando o que para ele é ser jornalista, Bial aponta que ao longo do tempo, na profissão se desempenha diversos papéis, pois, “repórteres podem ser advogados de causas perdidas, padres confessores, carrasco, redentores. Têm noites de médicos e dias de coveiros. Alguns diriam abutres. Mas, como dizem os tiras, ‘alguém tem de fazer o trabalho sujo’” (BIAL, 1996, p. 93).

O jornalismo de guerra, violência, impacto e conflito é trajado por características próprias. Entre elas, a inteiração do jornalista com a situação na qual está envolvido. Muitas vezes em coberturas catastróficas, que ao longo do tempo, podem gerar para esses profissionais, traumas psicológicos.

1.2. Traumas psicológicos

Como explicam Peres, Mercante e Nasello, 2005, em “Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico”, publicado pela Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, a palavra trauma, significa lesão causada por um agente externo, “esse conceito migrou ao campo psicológico, e, conseqüentemente, supõe-se com frequência que um trauma ocorre quando as defesas psicológicas naturais são transgredidas”.

Rodrigues e Gonçalves (2004, p.21), esclarecem que todo o indivíduo nasce com sistemas defensivos que se tornam as barreiras para que traumas psicológicos não se instalem, entretanto, quando ainda criança a pessoa passa por algum problema na plataforma das emoções, acaba prejudicando essa estabilidade. Se indivíduo quando adulto passar por um novo trauma a força com que será atingido será duas vezes maior.

Como explicam Vitor Amorim Rodrigues e Luisa Gonçalves (2004), no livro “Patologia da Personalidade”:

No chamado ponto de vista genético, os acontecimentos precoces determinam sistemas defensivos enraizados de forma profunda, que conduzem o indivíduo a reagir a novas situações como se estas duplicassem o que ocorreu na infância. Estes estilos defensivos antecipatórios persistem durante toda a vida e resultam em desadaptações progressivas, isto é, perturbações da personalidade (RODRIGUES; GONÇALVES, 2004, p. 20-21).

Todos os seres humanos têm algum tipo de doença psíquica e algum grau de dificuldade de administrar os pensamentos e emoções. Nenhum ser humano é completamente saudável (CURY, 2007, p. 14).

Apesar de a liberdade ser vital para o homem, ele sempre foi vítima de algum tipo de prisão. As cadeias, a escravidão, o autoritarismo político, a exploração sexual, o cerceamento dos direitos fundamentais, a dificuldade de liderar o mundo psíquico, a ansiedade, a angústia, as fobias (medo) e outros transtornos emocionais são exemplos de restrição de liberdade que feriam nossa história (CURY, 2007, p. 13).

Os eventos traumáticos são lembrados repetidas vezes na mente de quem sofreu o trauma. “O indivíduo testemunhou alguma coisa além da experiência humana comum, a qual seria muito difícil para qualquer pessoa. Esse fato pode ser uma séria ameaça contra sua vida, sua integridade física ou psíquica” (GUEDES, 2003, p.49).

As imagens do evento ficam armazenadas na memória e essa constante aparição faz com que o indivíduo sofra. Normalmente essa pessoa tem pesadelos à noite, sonha estar vivenciando o evento novamente, por meio de alucinações, ilusões, em forma de *flashblacks*. O intenso desconforto psicológico pode ocorrer também, quando o jornalista passar pelo local, ou estiver presente em algum aspecto semelhante ao do trauma (GUEDES, 2003, p.49).

Freud (apud CURY, 2007) aponta no artigo “As pulsões e as suas vicissitudes”, que três polaridades estão conectadas dentro da mente e umas com as outras são altamente significativas, “a nossa vida mental como todo é governada designadamente pelas seguintes antíteses: Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo), Prazer – Dor, Ativo – Passivo” (CURY, 2007).

Segundo Augusto Cury (2007), não é possível apagar os registros obtidos pela memória, porque não se tem acesso aos dados e nem conhecimento em que parte estão arquivadas as experiências doentias, os traumas.

Freud discorreu sobre o inconsciente, mas não investigou os fenômenos que leem à memória e constroem os pensamentos. Por isso, não compreendeu que, para resolver os traumas do passado, é insuficiente trazê-los à consciência e trabalhá-los; é tão ou mais necessário reconstruir, a cada momento de nossas existências, um universo de ideias e pensamentos, ricos e sábios, que vão abrindo novas avenidas na memória e nos porões inconscientes (CURY, 2007, p. 79).

Cada pessoa processa um evento traumático de uma forma e é essa maneira que configura a amplitude do trauma, “a noção de sofrimento é central, implicando um estado de ‘luta do sujeito’ contra forças que o estão empurrando em direção à doença mental” (SIMM, 2008, p. 45-46).

Ou seja,

Os padrões de comportamento subsequentes não são, portanto, mera função de influências casuais, mas derivam diretamente de causas antecedentes. Na sua maior parte, estas causas permanecem fora da consciência e são mantidas inconscientes, dada a sua potencialidade conflituosa, ou seja, as memórias e impulsos nelas contidos e a sua natureza primitiva (RODRIGUES; GONÇALVES, 2004, p. 21).

O ser humano, independente da força de vontade existente, não consegue controlar o registro que a memória é capaz de fazer a partir de determinados acontecimentos, “Todos os dias produzimos inúmeras cadeias de pensamentos ansiedades, sonhos, ideias negativas, pensamentos antecipatórios, angústias, prazeres que são arquivados automaticamente na memória. Em um ano, registramos milhões de experiências” (CURY, 2007, p. 47).

A intensidade das experiências negativas e positivas são registradas com maior facilidade quando são de grande dor ou de grande prazer, “cada pensamento e emoção são registrados automaticamente por um fenômeno que chamado de RAM (Registro Automático da Memória)” (CURY, 2007, p. 47).

Identificamos determinados fatos a partir dos nossos arquivos existentes na memória, sendo que o fenômeno da autochecagem ativa o gatilho psíquico que dá instantaneamente uma resposta, desencadeando as primeiras reações, “o fenômeno de autochecagem da memória, como o próprio nome sugere, autocheca na memória os estímulos psíquicos visuais e sonoros, gerando um gatilho que produz as primeiras reações, pensamentos e emoções nas mais diversas situações em que nos encontramos” (CURY, 2007, p. 71).

As mulheres principalmente evitam estímulos que podem ter ligação com o trauma ou mostram uma maior capacidade de reagir emocionalmente, efeito gerado após a situação traumática. Como explica Guedes, (2003):

(1) esforça-se para evitar pensamentos ou sentimentos que são associados com o trauma; (2) esforça-se para evitar atividades ou situações que façam lembrar o trauma; (3) incapacidade para se recordar de alguns aspectos do trauma (amnésia psicológica); (4) marcado desinteresse por atividades importantes; (5) dada sua falta de interesse, é expulso ou rejeitado pelos outros; (6) afetos e afeições contidas, limitadas, inabilidade para gostar e se envolver amorosamente; (7) um sentimento de que não tem qualquer futuro, não tem expectativa para desenvolver uma carreira, casar-se, ter filhos, ou viver longamente (GUEDES, 2003, p.49).

Além disso, ainda podem aparecer sinais de hipersensibilidade, como:

(1) dificuldade para adormecer, porque é assaltado por preocupações; (2) irritabilidade e explosão furiosa; (3) dificuldade de concentração; (4) tensão vigilante; (5) reação exagerada a estímulo externo inesperado; (6) reação fisiológica na presença de eventos que simbolizem ou sejam similares em algum aspecto com o evento traumático (GUEDES, 2003, p.50).

A âncora da memória é responsável pela leitura das informações captadas pelo inconsciente em determinado momento da vida do indivíduo.

A âncora da memória é muito sensível à intensidade das emoções, por isso, os transtornos psíquicos e os estímulos estressantes, se não forem bem gerenciados, poderão conspirar contra ela. Pessoas inteligentes e lúcidas poderão ter péssimo desempenho em determinados focos de tensão (CURY, 2007, p. 74).

Existe uma facilidade maior em recordar coisas extremamente boas ou excessivamente ruins, devido ao fator de terem sido registradas em áreas importantes da memória e estarem disponíveis para serem lidas a qualquer momento, é através dessas informações que é construído a cadeia de pensamentos e novas emoções (CURY, 2007, p. 76).

Freud (apud CURY, 2007) escreveu que, se uma pessoa não se recorda de um trauma, ele provavelmente será reencenado: “o trauma é reproduzido não como uma memória, mas como uma ação, um comportamento”.

A âncora da memória é responsável pela leitura das informações captadas pelo inconsciente em determinado momento da vida do indivíduo, “se uma pessoa está tensa, estressada, ansiosa, em determinada situação, poderá lançar a âncora da memória, restringir seu território de leitura e, conseqüentemente, comprometer a eficiência da sua inteligência” (CURY, 2007, p. 74).

Segundo Cury (2007), as pessoas esquecem que precisam se proteger não só fisicamente, mas também psicologicamente. “A maioria das pessoas sequer sabe que precisa proteger suas emoções. Elas fazem seguro da casa, do carro, colocam grades nas janelas, mas não tem nenhuma proteção no mais importante e delicado território, o território da emoção” (CURY, 2007, p. 16).

Os jornalistas que tem suas barreiras psíquicas atingidas por situações impactantes acabam desenvolvendo traumas. O mais comum e frequente, em profissionais do meio, é o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT).

1.3. Estresse pós-traumático (TEPT)

A vida dos jornalistas que fazem a cobertura de situação de conflito, guerra e violência podem gerar conseqüências psicológicas, como: “Transtorno de estresse pós-traumático, depressão, deterioração das relações pessoais e abuso de substâncias” (FEINSTEIN, 2007).

É isto que pretendemos investigar neste estudo, através de dois casos que escolhemos para ilustrar. O primeiro caso a ser descrito e analisado é o da jornalista americana Mac McClelland, que simulou o próprio estupro, após entrevistar mulher vítima de abuso sexual no Haiti. O segundo caso é o do correspondente de guerra, José Hamilton Ribeiro que acabou perdendo uma perna ao pisar em uma mina durante a cobertura da Guerra do Vietnã para a extinta revista "Realidade", em 1968.

O transtorno de estresse pós-traumático é o principal problema retratado após traumas psicológicos. O psicólogo Kristensen (2013) afirma que, “algumas pessoas podem ter transtorno estresse agudo, porém, se após o primeiro mês os sintomas continuarem, daí, sim, pode-se diagnosticar o TEPT” (GUARESEMIN, 2015).

Segundo estudo realizado nos Estados Unidos, de 10% a 50% das pessoas que passam por situações traumáticas apresentam o transtorno (TEPT). As mulheres teriam mais vulnerabilidade. “Minha hipótese é que isso aconteça porque a mulher é criada desde menina para cuidar, ficar atenta ao que acontece ao ambiente”, ressalta Furquim (GUARESEMIN, 2015).

O estresse pós-traumático ocorre devido a um evento externo, "o TEPT é como um calo. É um calo que não sai da memória, algo impossível de se esquecer. Um pensamento que parece roubar sua memória" (SILVA, 2009).

O artigo "Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático" de Figueira e Mendlowicz (2015) aponta que:

O traço essencial deste transtorno é que seu desenvolvimento está ligado a um evento traumático de natureza extrema. Uma fração significativa dos sobreviventes de experiências traumáticas irá desenvolver uma constelação aguda de sintomas de TEPT, que pode ser dividida em três grupos: revivescência do trauma, esquiva/entorpecimento emocional e hiperestimulação autonômica (FIGUEIRA; MENDLOWICZ, 2015).

Pessoas que sofrem de TEPT tentam criar barreiras emocionais na busca da recuperação. Entretanto,

Pacientes com TEPT passam a ter dificuldade em rir, chorar, amar, ter ternura, compadecer-se ou sentir atração sexual. Parecem "mortos para a vida", isolando-se dos amigos e dos familiares. Como se pode ver, o "preço" pago pela anestesia dos sentimentos dolorosos é alto. Esses pacientes podem também sentir-se desconectados de si mesmos, de seu ambiente, até de seu futuro, tendo uma sensação de "futuro abreviado" (FIGUEIRA; MENDLOWICZ, 2015).

O Brasil possui um índice alarmante de casos de violência e conflito, ocasionando conseqüentemente um grande número de pessoas com traumas. Como explica Figueira e Mendlowicz:

O Brasil é o terceiro no ranking mundial de mortes por arma de fogo entre jovens de 15 a 24 anos, atrás da Colômbia e de Porto Rico, superando as estatísticas de conflitos como o da Palestina. Essa alta prevalência de eventos traumáticos aponta para a necessidade imperiosa de que sejam produzidos revisões e estudos empíricos nacionais sobre o TEPT, que é o principal transtorno psiquiátrico associado aos acidentes e violências (FIGUEIRA; MENDLOWICZ, 2015).

Segundo Varella (2015), no artigo "Transtorno do Estresse pós-traumático", as causas do transtorno podem estar ligadas a um desequilíbrio na quantidade de cortisol ou na redução córtex pré-frontal e do hipocampo, regiões localizadas no cérebro. "Os sintomas podem manifestar-se em qualquer faixa de idade e levar meses ou anos para aparecer" (VARELLA, 2015).

O TEPT pode proporcionar a coexistência de outros transtornos psicológicos, como: Transtorno de pânico (TP), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno depressivo maior (TDM). Friedman & Yehuda (1995) chegam a afirmar que se um indivíduo preenche os critérios diagnósticos para o TEPT provavelmente também os preencherá para outros transtornos (FIEDMAN; YEHUDA, 1995).

Devido ao TEPT e a outros transtornos ligados a ele, os jornalistas acabam sofrendo durante muito tempo, perdendo sua qualidade de vida e se fechando dentro de si. Para isso existe a psicologia do trabalho, fundamental dentro dos veículos de comunicação.

1.4. Psicologia do Trabalho

A psicologia do trabalho é a arte de orientar e acompanhar o profissional que passou por problemas psíquicos tanto de ordem interna ou externa do ambiente de trabalho. Além do mais, busca apontar saídas para amenizar traumas psicológicos (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 38).

O equilíbrio entre a saúde mental e física precisa existir, pois “os estudos sobre psicossomática partem da premissa de que os processos psíquicos influenciam muito mais a dinâmica do corpo do que se tem conhecimento até aqui” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 8).

Segundo Limongi-França (2008), o paralelo entre mente-corpo-ambiente, gera as somatizações, que são disfunções físicas que a medicina não consegue explicar, mas que a psicologia garante ser de ordem emocional, cuja as sensações são de: dor, mal-estar e doença.

A falta de conhecimento na área da psicologia do trabalho faz com que ambiente organizacional deixe de ter um diálogo específico sobre o trauma participar de cada jornalista, uma vez que, os traumas atingem de forma distinta cada profissional. Sendo que, “apesar da existência de uma literatura, a bem dizer restrita de psicologia do trabalho é preciso reconhecer que o conflito que opõe o trabalho à vida mental é território quase desconhecido” (DEJOURS, 1992, p. 22).

Nos dois casos a serem descritos e analisados o conflito interno se difere. O caso da jornalista americana Mac McClelland, por não saber como superar o conflito psicológico existente, pediu que ex-namorado a violentasse de forma simulada. O trauma surgiu ao entrevistar uma mulher que foi estuprada no Haiti, em setembro de 2010.

Entretanto, José Hamilton Ribeiro, o outro caso a ser descrito e analisado, sofreu não somente trauma psicológico, bem como, físico. (O correspondente de guerra, que em 1968

perdeu uma perna ao pisar em uma mina durante a cobertura da Guerra do Vietnã para a extinta revista "Realidade").

Cada interação social adquire um significado diferente, pois embora às emoções sejam processadas inconscientemente, é no plano da consciência que elas se transformam. Na visão de Damásio (1996), a cognição permite avaliar o estímulo que é desencadeado nas emoções pesando negativamente ou positivamente, mostrando um repertório individual flexível que pode ser evitado ou não, em vez de se reagir apenas automaticamente.

A Psicologia do Trabalho cita o organismo como uma coisa só, onde o físico depende do psicológico e vice-versa, “a energia do corpo é criada na cabeça; quando algo entra em desequilíbrio, então o organismo sofre” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 76).

A solução para problemas de ordem emocional deve ser buscada dentro do próprio ambiente de trabalho:

Sabe-se que a recuperação e o tratamento dos sintomas, de qualquer natureza, passam necessariamente pelas práticas terapêuticas, idealizadas ou vivenciadas. Passam, ainda, pela reação imediata e pela relação do médico (ou qualquer outro profissional da saúde) com o paciente. Eles também refletem a importância dos recursos institucionalizados ou alternativos, internos e externos, à empresa (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p.161).

As condições de trabalho alojam as principais fontes responsáveis pelo acúmulo da carga de trabalho psíquica, “esta carga de trabalho não é idêntica à carga de trabalho física ou psicossensomotora. Os efeitos dessa carga e o sofrimento estão no registro mental e se ocasionam desordens no corpo” (DEJOURS, 1992, p. 61).

O mundo interno quando atingido pelas somatizações podem ocasionar um abalo profundo na forma de interpretar o mundo real, muita coisa acaba passando despercebida, “O cérebro – como receptáculo da mente – é responsável pelo registro, absorção e criação dos significados do viver e do sentir” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 13).

As somatizações precisam ser tratadas, superadas ou enfrentadas, por que “são um sinal de alerta e diagnóstico para as mais diversas intercorrências relativas à vida no trabalho, especialmente quanto a pré-requisitos, capacidades e competências esperadas e riscos ocupacionais” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 7).

A intensidade do trabalho abala diretamente o rendimento do trabalhador, mas mesmo assim o profissional tem maior facilidade em reportar uma dor física do que psíquica, “falar da saúde é sempre difícil. Evocar o sofrimento e a doença é, em contrapartida, mais fácil: todo

mundo o faz. Como se, a exemplo de Dante, cada um tivesse em si experiência suficiente para falar do inferno e nunca do paraíso” (DEJOURS, 1992, p. 11).

Segundo Dejours (1992), as doenças somáticas aparecem mais em pessoas que apresentam uma estrutura mental caracterizada pela pobreza e ineficácia das defesas mentais. “A somatização é encontrada, então, em sujeitos com estrutura psiconeurótica, quando seu funcionamento mental é, momentaneamente, colocado fora de circuito” (DEJOURS, 1992, p. 127).

Indica ainda, que as exigências do trabalho jornalístico ameaçam por si só o próprio rendimento do trabalhador, dado que, acusa risco de sofrimento específico.

O avanço da psiquiatria, o exercício maciço das práticas psicoterapêuticas nas escolas, o mundo do trabalho, as prisões e todas as instituições, provavelmente, representam um papel na formulação das dificuldades existenciais sentidas, hoje em dia, em escala das massas. Passada à força nos meios de comunicação de massas, no cinema, na publicidade e no marketing, a psicologia não poupa mais ninguém, nem mesmo os trabalhadores (DEJOURS, 1987, p. 24).

Segundo González de Rivera y Revuelta, quanto mais a pessoa ficar exposta e vulnerável, maior o risco de ter uma doença, “a capacidade de recuperação e defesa do organismo vão diminuindo, com o que aumenta a vulnerabilidade a fatores patogênicos externos e, em consequência, o risco geral de adoecer” (RIVERA Y REVUELTA, 2003, p. 19-20).

Cada indivíduo tem mecanismos de defesa existentes na mente, entretanto, na percepção de Fineman (2001), as emoções perturbam a racionalidade e as pessoas acabam agindo com base naquilo que percebem, uma vez que essas percepções sofrem interferências externas e são suscetíveis a distorções.

Em contraponto, Dejours (1992), afirma que:

Mesmo intenso, o sofrimento é razoavelmente bem controlado pelas estratégias defensivas, para impedir que se transforme em patologia. [...] As neuroses, psicoses e depressões em situação de trabalho são compensadas, precisamente, pela utilização dos sistemas defensivos (DEJOURS, 1992, p.120).

Cabe ao indivíduo superar e transformar determinada fraqueza em força para enfrentar obstáculos particulares e para garantir que as somatizações não afetem na área profissional. Segundo Limongi-França (2008), “o doente fica desacreditado perante os outros.

Costumeiramente, percepções sobre o doente recaem em fraqueza, oportunismo, infelicidade ou frustração” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 11).

Para Limongi-França (2008), as respostas psicossomáticas, tem origem em momentos delineados por tensões de aspecto subjetivos e socioculturais, e afirma que é importante reconhecer as dimensões biológicas, psicológicas e sociais.

As respostas psicossomáticas são manifestações decorrentes de impactos nessa dinâmica humana, e constituem respostas de ordem orgânica, com evolução benigna ou que conduza a pessoa a doenças. Essas manifestações podem ser decorrentes de um mesmo fato – medo de ser demitido, por exemplo -, o qual pode provocar diferentes tipos de respostas, em diferentes pessoas (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p.13).

As pessoas criam uma barreira para com o psicólogo, pois não querem se expor e relutam a falar abertamente sobre os problemas que atingem o seu eu, “a somatização é uma forma particular de resistência” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 15).

Os meios de comunicação buscam suprir suas necessidades e promover o show sem pensar na saúde dos profissionais, “o perigo está no glamour e o charme funcionarem como cortinas de fumaça a esconder as feridas abertas e os pontos obscuros do nosso ofício” (DI FRANCO, 1996, p. 9).

Na visão de Di Franco (1996), as situações patológicas se apresentam em um espetáculo informativo, onde “o insignificante nos parece importante, a incoerência nos parece saudável” (DI FRANCO, 1996, p. 24).

Para a autora Limongi-França (2008), “na empresa, a partir do limite da “dor do corpo” ou de sensações de sofrimento psíquico, ocorrem processos de interação interpessoal marcados pela percepção de fenômenos relacionados à doença, à saúde, ao trabalho e à produtividade” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 7).

A busca pelo aumento da popularização dos conteúdos jornalísticos não valorizam a saúde psicológica e física dos intermediários, “‘isso não é nada; é apenas psicológico’. E tudo continua como antes, sem, de fato, uma avaliação real do ocorrido” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 38).

Segundo artigo “Saúde mental do trabalhador e a importância do equilíbrio” do Portal Educação (2013), os transtornos psicológicos dentro das empresas são o terceiro maior fator para o afastamento do trabalhador no Brasil.

É importante que as organizações contem com profissionais de psicologia dentro do seu corpo de funcionários. Esse profissional através dos seus conhecimentos pode agir em diversas áreas que envolvam a saúde mental do colaborador, que vão desde o acompanhamento psicológico individual à palestras motivacionais e atividades voltadas à melhora do clima organizacional (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013).

Dessa forma, é perceptível a importância da psicologia do trabalho, sendo que a mesma pode interferir na organização e no ambiente de trabalho a fim de zelar pelo equilíbrio emocional das pessoas.

Apesar do sofrimento mental que não pode mais passar ignorado, os trabalhadores continuam em seus postos de trabalho expondo seu equilíbrio e seu funcionamento mental à ameaça contida no trabalho, para enfrentar uma exigência ainda mais imperiosa: sobreviver (DEJOURS, 1992, p. 78).

Segundo Sucupira (2015), a psicologia do trabalho tem papel fundamental em todas as organizações, pois conhecendo o estado específico de cada profissional é possível, “intervir de várias maneiras para o melhor gerenciamento da situação” (SUCUPIRA, 2015).

Sabendo sobre os quatro conceitos-chave desse trabalho (Jornalismo de Guerra e Conflito, Trauma Psicológico, Estresse pós-traumático e Psicologia do Trabalho), podemos compreender os métodos e técnicas que serão utilizados para responder o problema de pesquisa, que se apresenta na metodologia.

2: METODOLOGIA A PARTIR DE GIL E ANDRADE

A presente pesquisa se utiliza, primeiramente, da revisão bibliográfica das publicações científicas de diversos autores, relacionados ao objeto de estudo. Para tal, consiste na busca por livros, artigos e revistas. Como explica Gil (2010), “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso”. Será realizada a leitura e o devido fichamento das obras cruciais para a resposta do problema de pesquisa.

Na sequência será desenvolvido um estudo descritivo-analítico. Segundo Gil (2002), “uma pesquisa descritiva pode investigar a ligação entre variáveis ou simplesmente descrever características de um fenômeno, amostra, ou de um determinado caso”. Além disso, Andrade (2010), aponta que, “nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”.

O estudo descritivo-analítico será aplicado a dois casos de jornalistas que tiveram traumas psicológicos após exposição a situações de conflito, guerra, impacto ou violência. O primeiro caso a ser descrito e analisado é o da jornalista americana Mac McClelland, que simulou o próprio estupro após entrevistar uma mulher do Haiti vítima de abuso sexual, em setembro de 2010, durante a cobertura sobre o terremoto que assolou o país. A jornalista adotou tal medida para tentar curar o estresse pós-traumático, pois os tratamentos convencionais não estavam surtindo efeito.

O segundo caso é o do jornalista brasileiro, José Hamilton Ribeiro que ao cobrir a guerra do Vietnã, em 1968, acabou perdendo parte da perna esquerda após pisar em uma mina. Ribeiro permaneceu cobrindo a guerra por 40 dias. Em Ambos os casos ocorreram traumas após o exercício da profissão.

Nesse projeto serão descritas e analisadas as seguintes variáveis em três aspectos: Trabalho (ocorreu afastamento da profissão ou não após a situação traumática. E se voltaram ou não a fazer coberturas em situações de conflito, guerra e violência), saúde (o trauma trouxe algum problema de saúde, doença, distúrbio) e comportamento (houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma).

Os dois casos jornalísticos após exposição a situações traumáticas foram escolhidos, analisados e descritos. Tal tarefa será desempenhada com o intuito de descobrir as principais reações que os dois jornalistas tiveram e como isso refletiu em suas vidas.

3: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE CASOS

Esse capítulo procura apresentar a descrição e a análise do objeto desta pesquisa, por meio dos materiais coletados referentes aos dois casos de jornalistas após situação de trauma, sendo um da jornalista americana Mac McClelland, e outro do jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro. Jornalistas que sofreram trauma no exercício da profissão.

Cada um dos casos será descritos através de depoimentos, entrevistas ou registros dos mesmos nos mais distintos meios de comunicação.

A análise desses casos consiste na resposta das seguintes variáveis em três aspectos: Trabalho (ocorreu afastamento da profissão ou não após a situação traumática. E se voltaram ou não a fazer coberturas em situações de conflito, guerra e violência), saúde (o trauma trouxe algum problema de saúde, doença, distúrbio) e comportamento (houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma).

Para que isso seja possível, o quadro abaixo será utilizada em cada caso isoladamente:

Quadro 1. Variáveis dos dois casos do estudo descritivo-analítico

Estudo descritivo-analítico de dois casos sobre as variáveis:			
	Trabalho	Saúde	Comportamento
	<ul style="list-style-type: none"> Afastamento da profissão; Voltaram a fazer a cobertura em situação de conflito, guerra, violência e impacto; 	<ul style="list-style-type: none"> O trauma trouxe algum problema de saúde, distúrbio ou doença; 	<ul style="list-style-type: none"> Houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma;
Critérios de análise			
Casos:	Trabalho	Saúde	Comportamento
Mac McClelland			
José Hamilton Ribeiro			
Fonte: Luana Fiorentin			

3.1 Descrição caso Mac McClelland

Jornalista americana especializada em direitos civis, Mac McClelland, cobriu ao longo da carreira diversas situações de violência, conflito e impacto. Esse tipo de jornalismo é feito em tempo real e desafia o profissional, instiga o leitor a perceber como as coisas mudam rapidamente em conflitos pelo mundo, onde os resultados são imprevisíveis e muitas vezes catastróficos (FREIRE; VAZ BORJA, 2016).

Entretanto, em setembro de 2010, ficou responsável por cobrir um terremoto que assolou o Haiti, e lá entrevistou uma mulher vítima de abuso sexual, o relato lhe causou um trauma que ela simplesmente não conseguia superar. Como conta o artigo *“I’m Gonna Need You to Fight Me On This: How Violent Sex Helped Ease My PTSD”*, (em tradução nossa, “Eu vou precisar de você para me ajudar a lutar nisso: Como a violência sexual me ajudou no PTSD”), da revista eletrônica *“Good”*, na qual ela mesma descreve o trauma (MCCLEAND, 2016).

O termo trauma nada mais é do que uma lesão causada por um agente externo, que atinge as barreiras de defesa existentes dentro da mente, uma vez atingidas por algo de natureza conflitante a pessoa está suscetível a desenvolver distúrbios ou doenças psicológicas (PERES; MERCANTE; NASELO, 2005).

Segundo o artigo publicado na revista *“Good”* e depois reproduzido por jornais e revistas brasileiras como o G1, a revista Época, JusBrasil. Mac McClelland passou o dia acompanhando uma mulher que havia sido estuprada por cinco homens durante duas horas e ficou sabendo maiores detalhes sobre o crime. Além disso, levou a vítima ao médico no seu próprio carro e na volta à mulher entrevistada teria avistado um de seus estupradores e entrado em pânico. Mac McClelland aponta que foi esta a cena que lhe causou o trauma. Como explica no artigo da revista eletrônica *“Good”* (2016):

Infelizmente, quando Sybille (nome fictício) virou-se no banco do passageiro da frente e começou a lamentar, batendo e batendo sua cabeça, eu perdi a capacidade de localizar-me no espaço e no tempo no banco de trás. É chamado de dissociação, e é uma resposta comum e bastante inquietante para trauma extremo (MCCLEAND, 2016).

A jornalista passou a chorar sem motivo, a ter pesadelos, ânsia de vômito, e a se embriagar durante dias sem parar. Depois que retornou do Haiti, ela procurou um terapeuta e foi diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático. Como enfatiza em seu artigo (2016),

Eu chorei no avião no caminho de volta para casa para San Francisco, e dentro de 24 horas após o desembarque, eu fui diagnosticada com transtorno de estresse pós-traumático. Eu chorei quando eu estava checando meu e-mail antes do trabalho. Eu chorei quando cheguei para trabalhar e um dos meus colegas disse: 'Ei! Como você está?' Eu chorei no chuveiro. Chorei durante a maior parte de uma aula de ioga. O choro foi pelo menos melhor do que a náusea, que foi igualmente imprevisível e me mandou correndo para a lata de lixo debaixo da minha mesa. Ou cuspir para o lado de uma mesa de calçada em um bar com o meu melhor amigo (MCCLELLAND, 2016).

O transtorno de estresse pós-traumático é um dos problemas que mais atingem jornalistas hoje no mundo e demora cerca de um mês para ser diagnosticado, devido ao fator de resistência dos sintomas. As mulheres teriam maior vulnerabilidade a serem atingidas pelo transtorno. Além disso, o estresse pós-traumático faz com que as pessoas percam a vontade de viver, acabam se sentindo “mortos para a vida” (GUARESEMIN, 2015).

Vendo que os tratamentos convencionais não estavam surtindo efeito resolveu tomar uma medida drástica, “propondo a um ex-namorado que a "violentasse", forçando-a a fazer sexo mesmo enquanto ela se debatia e se esforçava ao máximo para afastá-lo” (G1, São Paulo, 2016).

Explana o que passou por sua mente no momento que decidiu pedir ao ex-namorado (Isaac) que a estuprasse de forma consentida, “eu não estava louca. Foi uma maneira de lidar criando uma situação simulada, porém controlada. Eu poderia dizer 'pare' a qualquer momento. Mas mesmo assim foi terrível, e o corpo entende quando passa por uma luta”, explica McClelland no artigo já citado anteriormente, “*I’m Gonna Need You to Fight Me On This: How Violent Sex Helped Ease My PTSD*”.

E relata ainda momentos do estupro simulado,

Eu estava ciente mesmo quando foi doloroso, mesmo quando ele colocou um travesseiro sobre minha cara, não para me asfixiar, mas para que não quebrasse meu queixo enquanto ele me dava murros na cara, duas, três, quatro vezes. Meu corpo ficou devastado, mas aliviado. Eu havia perdido, mas sobrevivi (MCCLELLAND, 2016).

E Isaac mostra para a jornalista algo que ela mesma tinha esquecido e que é fundamental para sua recuperação,

Mas, no momento, Isaac puxou meu cabelo longe do meu rosto molhado, repetindo mais e mais e mais alguma coisa que ele provavelmente acreditava, mas que eu tinha que reaprender. ‘Você é tão forte’, disse ele. ‘Você é tão forte. Você está tão forte’ (MCCLELLAND, 2016).

Após a jornalista passar por essa situação e vivenciar o que de certa forma a mulher entrevistada no Haiti passou, ela se sentiu recuperada para voltar a cobrir situações de violência. “Em alguns meses, eu me sentiria pronta para voltar ao Haiti. (...) Eu faria uma matéria no Congo, onde todas as entrevistas teriam a ver com violência sexual ou assassinato, mas já seria possível trabalhar normalmente” (MCCLEAND, 2016).

3.1.1 Análise caso Mac McClelland

Todas as pessoas nascem com sistemas defensivos que se tornam barreiras para que traumas psicológicos se instalem, porém quando o ser humano tem algum problema no campo das emoções acaba perdendo sua estabilidade, como explicam Rodrigues e Gonçalves, (2004).

O trauma psicológico existente no caso de Mac McClelland é de estresse pós-traumático, que como vimos anteriormente, consiste em um dos transtornos que mais atingem jornalistas hoje no mundo.

A presença de um transtorno como esse, atinge diretamente o comportamento do indivíduo que o possui. Com McClelland, o transtorno a deixou impossibilitada de reagir, como característica e comprovando a presença do estresse pós-traumático: o choro desmedido, a embriaguez (algo que não era do cotidiano da jornalista), as náuseas, e os pesadelos.

Outro ponto que a jornalista americana cita em seu artigo, é que ela percebeu que algo dentro dela se quebrou no momento que adquiriu o trauma, o que é outra característica do estresse pós-traumático, fazer com que a vítima acredite que seja incapaz de ‘viver’.

É a vontade de curar o estresse pós-traumático, de entender o que vítimas de abuso sexual passam e o medo de um dia ter que abandonar a profissão, que fazem McClelland seguir por uma estratégia própria, simular o próprio estupro.

Limongi-França (2008), ao falar sobre a importância do acompanhamento psicológico dentro dos meios jornalísticos, deixa claro que cabe ao indivíduo superar e transformar determinada fraqueza em força, para enfrentar os obstáculos existentes e para garantir que os transtornos não afetem a área profissional.

A atitude da jornalista nos coloca na dimensão do trauma e nos mostra a força com que o transtorno a atinge. Como os tratamentos convencionais não surtiam efeito, o procedimento que ela adota, a liberta para voltar a fazer coberturas de violência e impacto.

Assim, Mac não precisa se afastar da profissão e retorna mais tarde para o Haiti para entrevistar outras vítimas de estupro. Muito mais forte e sabendo o que ia encontrar pelo caminho.

Quadro 2. Variáveis do caso Mac McClelland

Dessa forma podemos apontar que dos seguintes tópicos: Trabalho, Saúde e Comportamento, a jornalista foi atingida em cada um deles, como mostra o quadro abaixo:

Estudo descritivo-analítico de dois casos sobre as variáveis:			
	Trabalho	Saúde	Comportamento
	<ul style="list-style-type: none"> Afastamento da profissão; Voltaram a fazer a cobertura em situação de conflito, guerra, violência e impacto; 	<ul style="list-style-type: none"> O trauma trouxe algum problema de saúde, distúrbio ou doença; 	<ul style="list-style-type: none"> Houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma;
Critérios de análise			
Caso:	Trabalho	Saúde	Comportamento
Mac McClelland	() (x)	(x)	(x)
Fonte: Luana Fiorentin			

Como se pode ver pelos dados do quadro, Mac McClelland não se afastou da profissão e voltou a fazer coberturas de violência e impacto na mesma região onde adquiriu o trauma. Além do mais, o trauma trouxe o transtorno de estresse pós-traumático, o que gerou consequentemente uma mudança comportamental.

3.2 Caso José Hamilton Ribeiro

Jornalista brasileiro, que esteve à frente da criação da revista Realidade e da Quatro Rodas. Zé Hamilton, como é popularmente conhecido, trabalhou na Folha de São Paulo, Globo Repórter, Fantástico e Globo Rural. Quando ainda trabalhava na extinta revista “Realidade”, em 1968, foi escalado para cobrir a guerra do Vietnã por 40 dias.

Ribeiro aceitou de imediato, o jornalismo de guerra sempre o fascinou, pois esse tipo de jornalismo é marcado pela rotina incerta, cada dia novos fatos, novos desafios. Não há nada comparado a ariscar a vida em nome da informação (HENNING, 1996).

Ao chegar ao país sua primeira atitude foi contratar um fotógrafo, como ele mesmo conta em seu livro, “O gosto da guerra” (2005),

Para amanhã se prevê uma operação em aldeia... Para vir ao *front* contratei um fotógrafo japonês - Kêi Shimamoto -, Indicado pelo Sr. Pelou, da Agência *France Press* de Saigon, como boa gente e bom profissional. Parece mesmo bom, só que o desgraçado, toda vez que peço para me fotografar com água pela cintura, ele diz *No good!* Acho que ele espera que uma bomba me mande para o cão, para só então achar uma boa foto (RIBEIRO, 2005, p.15).

No dia 20 de março de 1968, o fotógrafo Shimamoto pede para que Ribeiro o acompanhe em uma operação dos soldados americanos em Quang Tri, norte do Vietnã. A operação aconteceria na “Estrada sem Alegria”, uma das regiões mais perigosas da guerra (RIBEIRO, 2005, p.15).

Zé Hamilton conta no livro “O gosto da guerra”, o que viu minutos antes de descer do helicóptero,

Às 8h45 sobrevoamos o local marcado para o início da operação. A companhia lá estava, mas havia entre os soldados uma estranha movimentação. Quando o helicóptero baixou, veio a razão: a Companhia D, antes mesmo de iniciar a operação na Estrada sem Alegria, já amargava duas baixas. Dois soldados, designados para ‘Explorar’ o terreno, tinham feito detonar uma mina e o resultado estava ali: um tinha ambas as pernas em frangalhos, o outro recebera o impacto na parte alta do rosto (RIBEIRO, 2005, p.16).

Vinte quilômetros depois, uma nova explosão. O terreno apresentava bombas caseiras por todos os lados. Para garantir a segurança do jornalista e do fotógrafo, quatro vietnamitas que trabalhavam para o exército tinham a missão de detectar as minas. “Henry, um soldado de

origem mexicana, caminhava na minha frente. Sua missão era manter-se informado sobre cada passo da operação, e proteger-me” (RIBEIRO, 2005, p.17).

Devido a essa nova explosão, Henry sugeriu que fosse uma boa oportunidade para Shimamoto que não tinha achado a foto que queria para a capa conseguir alguma. Então os três seguiram em direção dos outros soldados e da equipe médica que já prestavam os primeiros socorros aos feridos (RIBEIRO, 2005, p.19).

Henry como sempre foi na frente, seguido de Ribeiro e Shimamoto. “Ele foi na frente, seguindo o mesmo caminho usado pelos enfermeiros. E eu fui atrás dele. Nem bem dei uns cinco passos quando o estrondo de uma explosão povoou inteiramente meus ouvidos. Um zumbido agudo e interminável brotava na minha cabeça” (RIBEIRO, 2005, p.20).

É na cobertura de guerra e conflito que, “homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos gêneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem, e/ou não querem, lá estar, possam ficar a par de todos os movimentos” (CARVALHO, 2016).

Segundos relatos do livro “O gosto da guerra”, José Hamilton Ribeiro, não tinha a noção que o atingido pela mina tinha sido ele. Só após perceber que Henry e Shimamoto estavam bem e ter certeza disso, que tomou consciência do que estava de fato acontecendo. Como descreve nesse trecho do livro “O gosto da guerra” (2005):

Sentia na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspiam, mas aquela gosma amarga permanecia na boca. Então senti um repuxão violento na perna esquerda e só aí tive consciência de que a coisa era comigo. A perna esquerda da calça tinha desaparecido e eu estava, naquele lado, só de cueca. O repuxão muscular aumentava e eu quase não me equilibrava sentado; rodopiava sobre mim mesmo em círculos e aos saltos. Olhei-me de novo: abaixo do joelho, na perna esquerda, só havia tiras de pele, banhadas de sangue, que repuxavam e se arregaçavam, fora do meu controle (RIBEIRO, 2005, p.20).

Logo após, a equipe médica prestou os primeiros socorros e utilizou-se de morfina para aliviar a dor de José. Em seguida, “vi Shimamoto tomando distância para me fotografar, e tive raiva: o desgraçado disse que ia arranjar fotos dramáticas e arranjou mesmo” (RIBEIRO, 2005, p.22).

José Hamilton foi encaminhado para uma base de primeiros socorros e em seguida para um hospital em Nha Trang, onde passou por diversas cirurgias. Consciente que quando o efeito da morfina acabasse, iria entender a dimensão do que tinha acontecido consigo. Relata,

Aí, então a parada é dura, pois mesmo a morfina não fará mais efeito como nos primeiros dias, além de atrapalhar o estômago e provocar vômitos e tontura. Entra a fase de depressão profunda, a fase em que a felicidade pode ser claramente definida: felicidade é a capacidade de não sentir dor e de poder tomar duas colheres de sopa! (RIBEIRO, 2005, p.24).

Como o previsto, Ribeiro entra em um quadro de estresse extremo, esse tipo de quadro está presente no transtorno de estresse pós-traumático agudo, onde a pessoa perde o prazer pelas coisas simples. Essa etapa se agravou devido à quantidade de cirurgias, pela falta de visitas e de distração, “experimento fumar um cigarro, mas não sinto nenhum gosto e só tontura. Nada está bom. Essa televisão ligada o dia todo, em alto volume, passando filmes de violência e humorísticos idiotas, me esgota a paciência” (RIBEIRO, 2005, p.35).

No quarto dia no hospital, Ribeiro entra em pânico, pois não tem notícias do Brasil e ainda, aumento do estresse devido ao medo de morrer como um indigente. “Sinto-me cada vez mais fraco, mais abandonado, mais sozinho, uma angústia amarga vai tomando conta de mim – temo que acabarei morrendo, minguando de tanto perder sangue e não comer, até apagar completamente” (RIBEIRO, 2005, p.39).

O estresse pós-traumático pode fazer a pessoa atingida a desenvolver outros transtornos como: Transtorno de pânico (TP), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno depressivo maior (TDM), o que se encaixa perfeitamente nos sintomas apresentados por José Hamilton Ribeiro (FIEDMAN; YEHUDA, 1995).

Durante o longo período que se sucede José Ribeiro se autoquestiona sobre sua decisão de ter aceitado vir cobrir a guerra no Vietnã. “A soma de tantas dificuldades e de tantas facilidades deu nisto – uma cama de hospital de guerra, num país estranho, cercado de gente estranha. Valeu a pena ter vindo? Apesar da tristeza toda de agora, ainda não consigo aceitar a ideia de estar arrependido. Não estou arrependido, não. Foi uma fatalidade, é só” (RIBEIRO, 2005, p.47).

É apenas no sétimo dia que tem notícias do Brasil, quando o jornal Folha de São Paulo, lhe escreve um telegrama desejando lhe melhoras. “Esse telegrama, assim tão frio e, visto a distância, tão simples, fez mais para o meu estado do que os oito litros de sangue que tomei até agora” (RIBEIRO, 2005, p.53).

As náuseas, que insistem em permanecer com José, fazem com que, durante o período que está no hospital, coma somente laranja e alguns goles de leite. Mas o que o impressiona mais é o próprio estado físico e psicológico, como conta nesse trecho:

O cabelo está grande, o braço fino, penso que emagreci 20 quilos, e que já não tenho força nem para sentar na cama. Estou frustrado, vencido, entregue à mais profunda amargura. Os piores pensamentos me vêm à mente. (...) Tomo consciência da canalhice dos meus pensamentos, e isso se torna um fator a mais de angústia. Então, seu Zé, você não presta mesmo, nem por fora nem por dentro! Por fora, esta perna apodrecendo, minando água suja; por dentro, esse pensamentos canalhas, sujos, porcos. Você deveria é ter morrido (RIBEIRO, 2005, p.63-64).

Ribeiro é atingido profundamente pela depressão,

Xingo o hospital, os enfermeiros, o vietcongue, as minas, a mim próprio, a solidão, o abandono, a guerra, o mundo todo. Vou-me entusiasmando com o próprio desabafo e daí a pouco, sem perceber, me encontro no choro mais sentido. (...) Puxo o lençol sobre a cabeça e, mergulho na mais profunda tristeza, choro, choro alto, suspiro alto, não ligo para as lágrimas que descem pelo nariz. Choro até cansar, até me considerar parcialmente remido de tanta fraqueza e maldade (RIBEIRO, 2005, p. 64).

Mesmo com algumas visitas diárias, com a presença das enfermeiras, os dias traziam para José Hamilton uma angustiante tristeza. Somente quando realiza uma das cirurgias na perna esquerda onde retira as rodela de ferro que faziam a tração da perna que começa a ficar mais animado. “As dores diminuíram em mais da metade. Alegria. Tudo no hospital parece que fica mais claro, mais limpo” (RIBEIRO, 2005, p. 77).

No dia 1º de abril de 1968, José Hamilton recebe uma cadeira de rodas para poder andar pelo hospital. No dia 3 de abril, ele recebe a notícia de que já pode deixar o hospital e seguir para os Estados Unidos. “Se eu não estivesse tão dolorido e com tanta desconfiança da minha magreza eu pulava da cama e saía saltitando que nem saci, para comemorar. Finalmente!” (RIBEIRO, 2005, p. 91).

Em maio, Ribeiro sai do hospital militar de Chicago e vai para um instituto particular, onde começa um tratamento preparatório para receber uma perna mecânica. “Tenho muita confiança de que vou ficar bom e de que vou poder continuar ganhando a vida com meu trabalho” (RIBEIRO, 2005, p. 97).

Em 1995, em um especial de aniversário da rede Globo de televisão, 27 anos depois do acidente no Vietnã, José Hamilton Ribeiro, volta ao local do seu acidente, recuperado fisicamente, mas ainda abalado psicologicamente:

Assim que descemos no conhecido *Tan Son Nheet*, o aeroporto de Saigon, o meu Vietnã começou a doer. Eu veria, ao longo da viagem, que essa visita iria doer mais que a primeira. Angústia, decepção, uma certa desesperança. Acabei passando vários dias sem dormir, a ponto de precisar de ajuda médica – e remédios tarja preta (RIBEIRO, 2005, p.115).

Nessa volta de Ribeiro ao Vietnã, ele não conseguiu encontrar nenhum de seus amigos, ou profissionais que trabalharam com ele no período do acidente. Mas encontrou o local exato aonde perdeu parte da perna esquerda. “Com bastante angústia e sofrimento, principalmente de minha parte, fizemos – Sérgio Gilz e eu – a reportagem da volta ao local do meu ferimento na guerra do Vietnã” (RIBEIRO, 2005, p.123).

Por isso existe a importância da psicologia do trabalho, em fazer o acompanhamento dos profissionais com trauma. A existência de um profissional dentro dos veículos de comunicação que podem conversar, tratar e mostrar que esse abalo profundo causado pelas somatizações podem ser sim amenizados é extremamente necessário. Uma vez que a mente for atingida, o corpo também é. O rendimento profissional é menor, as chances de afastamento da profissão são grandes.

A rapidez em um tratamento feito dentro do meio onde se exerce a profissão, é a base para uma possível “cura”. Existe um paralelo entre mente-corpo-ambiente, que causam as somatizações, ou seja, disfunções físicas que a medicina não consegue explicar, mas que a psicologia garante ser de ordem emocional, que apresentam sensações de: dor, mal-estar e doença (LIMONGI-FRANÇA, 2008).

Entretanto mesmo ainda estando abalado psicologicamente após o trauma, o jornalista ainda pretende voltar ao Vietnã, mas como uma viagem de férias, sem trabalho. “Estive no Vietnã, nessa segunda vez, por cerca de trinta dias – apesar do que doeu, gostei de ter ido. E conto ir outra vez, quem sabe agora sem tarefas, nem *dead line*. Uma viagem só para curtir um grande povo e um país, apesar de tudo, cheio de charme e calor” (RIBEIRO, 2005, p. 125).

3.2.1 Análise caso José Hamilton Ribeiro

Pessoas atingidas por traumas desenvolvem certa fragilidade em lidar com situações difíceis. Jornalista que trabalha em coberturas de guerra e conflito “não esquece a experiência, justamente porque a guerra desperta reações insuspeitadas das profundezas da mente”, como explica Rodrigues dos Santos (2005).

No caso de José Hamilton Ribeiro, além de ter um trauma psicológico, tem um trauma físico. Os dias que passa no Vietnã e até o período de sua recuperação fora dele, abrem portas para não só o estresse pós-traumático adquirido pela sensação de impossibilidade após perder parte da perna esquerda. Mas para outros transtornos vinculados a ele, como: Transtorno de

pânico (TP), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno depressivo maior (TDM).

Apontados pelos seguintes sintomas: fraqueza, sensação de abandono, solidão, angústia, medo da morte, perda de prazer nas coisas simples, náuseas, e desânimo. Entretanto, mesmo tendo todas essas sensações, Ribeiro ainda luta para fugir delas, resiste bravamente, mas precisa de muito mais para ser imune ao que vivenciou em um lugar onde o cenário é de sofrimento, tristeza, morte e destruição.

Mesmo tendo que colocar uma perna mecânica e tendo que ficar um tempo em tratamento, o jornalista brasileiro não se afasta da profissão, volta a trabalhar firme e forte e mais tarde retorna ao Vietnã.

Comum do estresse pós-traumático é deixar a pessoa atingida com “Angústia, decepção, uma certa desesperança. Acabei passando vários dias sem dormir, a ponto de precisar de ajuda médica – e remédios tarja preta”. (Como José Hamilton mesmo conta após voltar ao local onde perdeu parte da perna esquerda, 27 anos depois).

Uma vez atingido por trauma psicológico, as barreiras da mente não se recuperam completamente, sempre existe a possibilidade de uma nova somatização se instalar, que nada mais é do que, transferir para o corpo um problema de ordem psicológica. Até os dias atuais é perceptível a amargura que José Hamilton leva consigo, mas isso jamais interferiu em seu trabalho. Nunca abandonou o exercício da profissão.

O quadro abaixo mostra em quais pontos Ribeiro foi atingido, com relação ao Trabalho, Saúde e Comportamento.

Quadro 3. Variáveis do caso José Hamilton Ribeiro

Estudo descritivo-analítico de dois casos sobre as variáveis:			
	Trabalho	Saúde	Comportamento
	<ul style="list-style-type: none"> Afastamento da profissão; Voltaram a fazer a cobertura em situação de conflito, guerra, violência e impacto; 	<ul style="list-style-type: none"> O trauma trouxe algum problema de saúde, distúrbio ou doença; 	<ul style="list-style-type: none"> Houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma;
Critérios de análise			
Caso:	Trabalho	Saúde	Comportamento
José Hamilton Ribeiro	() (x)	(x)	(x)
Fonte: Luana Fiorentin			

Como se pode ver pelos dados do quadro, José Hamilton Ribeiro mesmo tendo trauma psicológico e físico, não quis se afastar da profissão e mais tarde retornou ao local onde sofreu o trauma para fazer novas coberturas. Ademais, teve transtorno de estresse pós-traumático e sintoma de outros transtornos decorrentes, que alteraram seu comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após descrever e analisar os dois casos de jornalistas com trauma psicológico, sendo um da jornalista americana Mac McCleand e outro do jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro, que consiste o objeto de estudo deste trabalho, é possível destacar, em primeiro lugar, que nos dois casos ocorreu traumas psicológicos, sendo que no caso do José Hamilton Ribeiro houve trauma físico também.

Em segundo lugar, pode ser constatado que os profissionais não quiseram se afastar da profissão mesmo estando debilitado e comprovado a ocorrência de transtorno de estresse pós-traumático.

Ainda, é possível destacar, que ambos acharam formas diferentes para superar as marcas invisíveis em suas mentes. Além disso, foi preciso uma fase de adaptação para a volta ao exercício da profissão em coberturas de guerra, violência, conflito e guerra. Mesmo traumatizados os profissionais voltaram a fazer coberturas no local onde adquiriram o transtorno.

Desta forma, com base nos estudos teóricos acerca dos conceitos gerais a pesquisa: Jornalismo de guerra e conflito, Trauma Psicológico, Estresse pós-traumático e Psicologia do Trabalho e da descrição e análise dos casos, é possível chegar ao alcance do objetivo principal desse trabalho. Desmistificando a ideologia que jornalista é super-herói e que não é atingido por sentimentos mundanos como qualquer outra pessoa, podemos concluir que a reação de jornalistas após situação traumática é de extrema fragilidade humana e altera de forma gradativa a vida profissional e pessoal desses profissionais. Muitas vezes atingidos por transtornos como o estresse pós-traumático e outros transtornos consequentes.

Além de obter o objetivo geral da pesquisa, por entre, o apontamento de seus resultados através da descrição e análise dos casos, o presente trabalho também se justifica por meio do cumprimento dos objetivos secundários. Isso foi realizável, uma vez que conceituar trauma psicológico direcionado para o jornalismo de guerra, conflito, impacto e violência, e seu principal transtorno foi evidenciado, através dos casos escolhidos. E embasados no aprofundamento do estudo acerca dos conceitos citados.

Com isso, chega-se à conclusão da importância em entender a reação dos jornalistas após situação traumática, e comprovar a necessidade da psicologia do trabalho dentro das empresas jornalísticas, uma vez que, todo o jornalista está suscetível a ter traumas psicológicos e físicos durante o exercício da profissão e reagir de forma particular a isso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 10º ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANDRADE, Regina Gloria Nunes. *A repetição e o acontecimento (horrores de guerra)*. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_andrade.pdf>. Acesso em 10 mar 2016.

BIAL, Pedro. *Crônicas de repórter: o correspondente internacional conta tudo o que não se diz “no ar”*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.

CARVALHO, Lucas. *Jornalistas mulheres desafiam preconceitos em coberturas de guerras e regiões de conflito*. Disponível em <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/71190/jornalistas+mulheres+desafiam+preconceitos+em+coberturas+de+guerras+e+regioes+de+conflito>. Acesso em 10 set 2015.

CROWLEY, Catherine; ESTER, Kathi. *Trabalhar com você está me matando*. Trad. Carlos Irineu da Costa e Juliana Lemos. Rio de Janeiro: Sexante, 2007.

CURY, Augusto J. *Superando o cárcere da emoção*. São Paulo: Ed. Academia de Inteligência, 2007.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5.ed. ampl. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. São Paulo: Editora Vozes, 1996.

FEINSTEIN, Anthony. *Jornalistas sob fogo*. Disponível em <<https://jhupbooks.press.jhu.edu/content/journalists-under-fire>>. Acesso em 10 set 2015.

FREIRE, Eduardo Nunes; VAZ BORJA, Magdala Azulay Teixeira. *A Cobertura da Guerra de Angola pelos jornais brasileiros*. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0855-1.pdf>. Acesso em 10 mar 2016.

FRIEDMAN M J, YEHUDA R. *Post-Traumatic stress disorder and comorbidity: psychobiological approaches to differential diagnosis*. In: Friedman MJ, Charney DS, Deutch AY. *Neurobiological and clinical consequences of stress*. Philadelphia: Lippincott-Raven; 1995. p. 429-45.

FIGUEIRA, Ivan; MENDLOWICZ, Mauro. *Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25s1/a04v25s1.pdf>>. Acessado em 7 set 2015.

G1. *Repórter simula o próprio estupro para superar estresse pós-traumático*. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/reporter-simula-o-proprio-estupro-para-superar-estresse-pos-traumatico.html>>. Acessado em 17 maio 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5º Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1995.

GUARESEMIN, Cármen. *Envolvidos na tragédia de Santa Maria (RS) podem ter transtorno similar ao de sobreviventes de guerra*. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/01/30/sobreviventes-familiares-e-profissionais-envolvidos-em-tragedia-podem-desenvolver-disturbios-psicologicos-serios.htm>>. Acessado em 7 set 2015.

GUEDES, Márcia Novaes. *Terror psicológico no trabalho*. São Paulo: LTr, 2003.

HENNING. H. *Via satélite*. São Paulo: Globo, 1996.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Psicologia do Trabalho*. São Paulo: Saraiva, 2008.

MCCLLEAND, Mac. *I'm Gonna Need You to Fight Me On This: How Violent Sex Helped Ease My PTSD*. Disponível em <<https://www.good.is/articles/how-violent-sex-helped-ease-my-ptsd>>. Acessado em 17 maio 2016.

MENDES, Lucas. *Conexão Manhattan: Crônicas da Big Apple*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

MONTEIRO, Talissa de Angilis Azevedo; HELLER, Reginaldo Jonas. *O Papel da Imprensa em Conflitos Armados: O Caso da Guerra Civil na Síria*. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/busca.htm?query=O+Papel+da+Imprensa+em+Conflitos+Armados:+O+Caso+da+Guerra+Civil+na+S%EDria>>. Acessado em 10 mar 2016.

PERES, Julio; MERCANTE, Juliane; NASELLO Antonia. *Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a03.pdf>>. Acessado em 25 agos 2015.

RIBEIRO, José Hamilton. *O gosto da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

RIVERA Y REVUELTA, José Luis González de. *El maltrato psicológico: como defenderse del mobbing y otras formas de acoso*. 2.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2003.

RODRIGUES, Vitor Amorim; GONÇALVEZ, Luisa. *Patologia da personalidade*. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes Inquietas*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SIMM, Zeno. *Acosso Psicológico no Ambiente de Trabalho*. São Paulo: LTR, 2008.

SUCUPIRA, Daniella Morais. *Psicologado: Emoções e Afetos no trabalho*. Disponível em <<http://psicologado.com/atuacao/psicologia-organizacional/emocoes-e-afetos-no-trabalho>>. Acesso em 11 agos 2015.

VARELLA, Drauzio. *Transtorno do Estresse pós-traumático*. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/letras/e/transtorno-do-estresse-pos-traumatico>>. Acessado em 7 set 2015.